

O PENSAMENTO DE JOSUÉ DE CASTRO E A GEOGRAFIA BRASILEIRA

Mateus Litwin Prestes¹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH)
Departamento de Geociências (GCN)
Laboratório de Estudos do Espaço Rural (LABRURAL)

Março de 2011

RESUMO

No período entre 1930 e 1960, emerge no cenário intelectual brasileiro a figura de Josué de Castro, um dos grandes nomes da Geografia brasileira. Seus estudos sobre a alimentação e a fome se tornaram referência para os debates sobre as relações entre agricultura e desenvolvimento, num contexto histórico conturbado, marcado pela II Guerra Mundial, pela Revolução Popular Chinesa, reconstrução da Europa e convulsões sociais diversas ao redor do mundo. Naquele contexto, a fome era um fenômeno central dentro dos desafios econômicos e sociais dos quais a humanidade não podia esquivar-se. Castro esboçou uma análise multifacetária do tema, abordado em diversas escalas espaciais e temporais, resultando num aprofundamento da reflexão sobre a realidade social brasileira e mundial e trazendo, ainda, uma inequívoca contribuição à epistemologia e metodologia da ciência geográfica. Focado principalmente em três trabalhos de Josué de Castro, os livros *Geografia da Fome*, *Geopolítica da Fome* e *Ensaio de Geografia Humana*, o presente artigo tem por objetivos analisar a concepção do método geográfico aplicado e aprimorado pelo autor à temática da fome, bem como compreender sua importância e a relação com o desenvolvimento da ciência geográfica brasileira da época.

Palavras chave: método geográfico, Josué de Castro, geografia brasileira.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu da necessidade de se compreender a concepção de método geográfico utilizado e aperfeiçoado por Josué de Castro (1908-1973) que, partindo de sua formação em medicina, viu na Geografia a possibilidade de analisar de maneira ampla o problema da fome no Brasil e no mundo. Lançando-se na empreitada de conhecer a ciência geográfica e aplicá-

¹ Graduando do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, bolsista do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – CNPq – INCRA. Este texto foi elaborado sob orientação do professor Dr. Clécio Azevedo da Silva, do Departamento de Geociências da UFSC.

la ao estudo de um tema praticamente intocado em sua época, o autor produziu uma literatura densa e concisa que nos permite, mais de sessenta anos depois, compreender as bases de uma Geografia nacional, voltada para a realidade brasileira, sobre temas que se mostram ainda atuais e pertinentes.

Para Castro, “a geografia tornou-se hoje uma ciência complexa, a mais enciclopédica e universalista das ciências.” (Castro, 1957c, p. 11). Claro que para a ciência geográfica no século XXI esse pressuposto não cabe mais para explicar conceitualmente nosso campo de estudos, porém, no contexto histórico do autor, esta prerrogativa serviu de estímulo para o aprofundamento do conhecimento científico relativo ao tema que Castro se propôs a estudar. Ele aspirou conhecer a fome não apenas a partir de seus fatores biológicos, ou econômicos, ou políticos, mas sim por meio da interconexão entre desses fatores, vendo na Geografia uma capacidade analítica multifacetária e totalizadora sobre a fome.

Os objetivos deste trabalho são, portanto, analisar a concepção de método geográfico aplicado e aprimorado pelo autor à temática da fome, bem como compreender sua importância e a relação com o desenvolvimento da ciência geográfica brasileira da época, entre as décadas de 1930 e 1960. Para isso, serão utilizadas três obras do próprio autor, *Geografia da Fome*, *Geopolítica da Fome* e *Ensaios de Geografia Humana*, além de bibliografia referente à metodologia, epistemologia e história da Geografia. As obras de Josué de Castro utilizadas para análise neste artigo fazem parte de uma coleção de seis volumes organizada pela Editora Brasiliense e publicada no ano de 1957. Além dos títulos já apresentados anteriormente, constituem essa coleção as obras *Documentário do Nordeste*, publicado pela primeira vez em 1937 e *Ensaios de Biologia Social*, coletânea de artigos e discursos entre 1938 e 1956.

Para compreender a constituição do pensamento geográfico presente na obra de Josué de Castro, se faz necessário um resgate histórico e cronológico da publicação dos textos utilizados para análise neste trabalho. O livro *Ensaios de Geografia Humana* é composto de duas publicações do autor, portanto dividido em duas partes. A primeira, intitulada *Introdução ao Estudo de*

Geografia Humana, corresponde a uma apreciação geral dos conteúdos desta ciência, originalmente publicada em 1939 como manual didático para iniciantes sob o título *Geografia Humana*, seguindo um programa oficial de ensino. A segunda parte, *Um Ensaio de Geografia Urbana: A Cidade do Recife* refere-se à tese que lhe rendeu a cátedra de Geografia Humana na Faculdade Nacional de Filosofia, em 1940, e foi publicada pela primeira vez em 1947 com o título *Fatores de Localização da Cidade do Recife*.

O livro *Geografia da Fome* foi publicado em 1946 e aborda o problema da fome no Brasil, apresentando um panorama do tema a partir de uma divisão do país por áreas, tendo sido traduzido para 25 idiomas. A terceira obra utilizada neste trabalho, *Geopolítica da Fome*, trata do problema da fome no mundo, partindo de uma classificação dos tipos de fome a passando para uma divisão regional do mundo. Foi inicialmente publicado em 1951. Esses dois livros tornaram Josué de Castro referência internacional sobre o tema.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Por conta da participação do autor em organizações internacionais como a ONU, o contexto histórico mundial da época se torna presente em muitos de seus escritos. Desde 1930 Castro acompanhou a ascensão dos regimes fascistas na Europa, a II Guerra Mundial, a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), a Revolução Popular na China e os resquícios de um colonialismo europeu ainda forte na África, dentro dos moldes do século XIX. A constante ameaça de um conflito armado durante a guerra fria e o desenvolvimento da energia nuclear como arma de disputa territorial entre Estados Unidos e União Soviética e suas áreas de influência fizeram Castro se levantar, tanto em seus livros como em seus discursos, contra o dispêndio de capital para a indústria da guerra em detrimento às questões relativas ao bem-estar das populações.

“A verdade é que foram necessárias duas terríveis guerras mundiais e uma tremenda revolução social – a revolução russa, na qual pereceram dezessete milhões de pessoas, sendo doze milhões de fome – para que a civilização

ocidental se convencesse de que não era mais possível ocultar a realidade social da fome aos olhos do mundo” (Castro, 1957b, p. 53).

Naquele momento o autor viu na revolução russa e no humanismo comunista uma possibilidade de valorização biológica do *homem social* em relação ao *homem econômico*, processo necessário na luta contra as mazelas da miséria e da pobreza no mundo (Castro, 1957b). Porém a crítica contra o armamentismo, que colocava a sociedade num regime de medo premente, era constante e alertava às grandes estruturas dos poderes sobre os perigos dos altos gastos militares.

O período de inserção e aprofundamento do conhecimento geográfico proposto e desenvolvido por Josué de Castro no Brasil corresponde ao aparecimento e difusão da própria ciência geográfica no país. O princípio da institucionalização da Geografia nacional se deu por meio da criação da Universidade de São Paulo (USP) com sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL); da Universidade do Distrito Federal (UDF), na então capital Rio de Janeiro, com sua Faculdade Nacional de Filosofia; do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); e da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). A criação dessas entidades ocorreu nas décadas de 1930 e 1940, período do “Estado Novo” sob a ditadura de Getúlio Vargas que, no ímpeto de modernização do Estado brasileiro, buscava o reconhecimento territorial do país para fins de planejamento. Cabe ressaltar uma diferenciação entre a Geografia produzida pelos acadêmicos nas universidades e do IBGE, voltada para o poder central do Estado e tida como oficial (Monteiro, 1980).

“Um das características desse período inicial com profunda repercussão na produção geográfica, foi a participação de estudiosos de áreas afins que se integraram na atividade geográfica, seja por adesão à AGB, seja por atuação no CNG [Conselho Nacional de Geografia], seja por afinidade universitária: engenheiros, geólogos, naturalistas, historiadores” (Monteiro, 1980, p. 13).

E médicos, como no caso de Josué de Castro. Formado em medicina em 1929, Castro lecionou Fisiologia na Faculdade de Medicina do Recife, Antropologia na UDF entre 1935 e 1938 e Geografia Humana na Universidade

do Brasil² entre 1940 e 1964 (Andrade, 2003). Desde o início da década de 1930 já trabalhava com a questão da alimentação, sendo que em 1937 surge a primeira publicação com uma abordagem geográfica do tema, intitulada *A alimentação brasileira à luz da geografia humana*, seguida pelos *Ensaio de Geografia Humana* em 1939. Em 1940, a tese sobre a cidade do Recife lhe rendeu o título de docente da Universidade do Brasil. Estando próximo da fundação das instituições que lançaram os rumos da geografia brasileira, Castro conviveu com geógrafos importantes como Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig, ambos franceses, sendo o primeiro fundador dos dois primeiros cursos de Geografia do país. Por isso, “a orientação metodológica que se reflete nitidamente nesse período, e subsequente, é aquela de escola francesa sobre a *égide lablachiana*” (Monteiro, 1980, p. 14).

E Castro, em seu incansável estudo dos problemas da alimentação com base nos estudos geográficos, contribuiu com os primeiros passos desta ciência que a pouco havia sido institucionalizada no país. Seu trabalho lhe rendeu, entre 1952 e 1956, a presidência do Conselho da FAO (*Food and Agriculture Organization*), órgão destinado à discussão de questões relativas à alimentação e agricultura da Organização das Nações Unidas, que Castro já participava desde 1947, como delegado e membro consultivo.

CASTRO, A GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA BRASILEIRA

A obra de Josué de Castro se inscreve dentro de uma Geografia que passava a contestar as formas de pensamento apegadas à ciência positivista, muito próxima ao determinismo ambiental defendido por Friedrich Ratzel (1844-1904). Esse autor, na busca por uma sistematização da ciência geográfica a partir de um método próprio, buscou no evolucionismo de Darwin a fonte para uma reinterpretação da relação entre o homem e meio ambiente. Também é atribuído a Ratzel o termo Geografia Cultural, que com base em estudos de etnografia propôs o nome Antropogeografia à descrição e mapeamento das áreas habitadas pelo ser humano, bem como as causas da divisão dos homens

² A Universidade do Brasil incorporou, em 1939, os cursos da Universidade do Distrito Federal (Machado, 2000).

no espaço e a influência da natureza sobre eles (Claval, 2007). Nesse sentido, uma teoria positiva aplicada ao ser humano

“explicava as diferenças de cultura e de desenvolvimento percebidas pelo senso comum, e dava ao mesmo tempo a essa explicação o reconhecimento científico necessário, ao enunciar leis gerais e ao generalizar essas leis, tidas como válidas para todas as culturas e épocas” (Gomes, 2005, p. 186).

Segundo Gomes, Ratzel viu no estudo do solo e de seu uso pelos grupos humanos uma forma de explicar a relação homem e meio, afirmando que “ele regra os destinos dos povos com uma cega brutalidade. Um povo deve viver sobre o solo que recebeu do destino, deve morrer aí, deve suportar sua lei” (Ratzel *apud* Gomes, 2005, p. 186). Já Castro, dentro de uma concepção possibilista herdada de Vidal La Blache, ao passo que reconhece a importância do pensamento de Ratzel para a Geografia, nega qualquer forma de pensamento determinista para as ciências sociais. Aceita a idéia de que a ciência geográfica apresenta um cunho correlacionista e universalizante, herança do pensamento ratzeliano, mas afirma que o determinismo ambiental está distante da verdade e que não podemos aceitar essas teorias de que a natureza impõe limites rígidos e intransponíveis para o efetivo humano, sendo o homem impotente diante das imposições do meio (Castro, 1957).

“O homem, com sua técnica criadora e inventiva, consegue escapar à coerção e aos limites impostos pela natureza, libertando-se dos determinismos geográficos, que transforma em possibilismo sociais” (Castro, 1957b, p. 80).

A fuga do determinismo e a exaltação do possibilismo como sendo a expressão da mais moderna ciência geográfica já aparecem claramente desde seu trabalho introdutório de síntese à Geografia Humana, onde aparece a base de seu pensamento geográfico, tomando contornos específicos no ensaio sobre a cidade do Recife, sua tese de doutoramento.

Para compreender a proposta filosófica e metodológica presente na obra de Josué de Castro no que tange à ciência geográfica, é fundamental analisar o pensamento e desdobramentos da Escola Francesa, em particular um de seus grandes idealizadores, Paul Vidal La Blache (1845-1918). Segundo Gomes é possível compreender as categorias e estruturas do pensamento de

La Blache da seguinte forma: a idéia de *organismo*, pertinente à ciência da época como um todo, onde o ser constitui sua própria finalidade e sua função; a idéia de *meio* como forma resultante da ação e reação dos mais diversos elementos que o compõem, em constante interação; a *ação humana*, como um elemento específico dentro da cadeia de relações, já que possui uma enorme capacidade de transformação da natureza; e por último, um dos conceitos definidores da obra vidalina, os *gêneros de vida*, a relação particular de cada grupo humano e sua expressão no meio, a partir de seus modos de vida e herança técnica e cultural, definida pela interação das forças no meio (Gomes, 2005).

Paul Claval identifica a categoria dos gêneros de vida com a possibilidade de ampliação do pensamento geográfico da época às questões voltadas para o caráter humano da disciplina.

“A noção de gênero de vida introduz, assim, na geografia humana francesa, uma lógica que estimula à integração, em seu campo, de aspectos comportamentais cada vez mais variados e complexos. Naturalista pela sua origem e suas justificações, ela deriva rapidamente para posições mais humanistas” (Claval, 2007, p. 35).

Sobre o método científico utilizado por La Blache, constituído basicamente de observação/descrição, comparação e conclusão, era importante o pesquisador se relacionar diretamente com seu objeto, estabelecendo as relações necessárias para compreensão de determinada região como um todo (Gomes, 2005). Assim aparecem os estudos regionais como nova perspectiva do estudo da Geografia, onde a noção de diferenciação de áreas, inerente ao conceito de região, se vê elucidada pelo uso do método comparativo. Durante a realização dos trabalhos de pesquisa sobre a cidade do Recife, referente à sua tese, Castro visitou a Holanda, França e Portugal para levantamentos sobre história da ocupação holandesa e portuguesa no Brasil e informações sobre teoria e métodos da Geografia, em contato com Max Sorre, na França. Realizou também incursões na cidade do Recife e arredores para estudo de caso.

Seus trabalhos de campo demonstram sua preocupação com a necessidade explicitada por La Blache do pesquisador estar perto de seu objeto de estudo. E dessa mesma forma procedeu para realização do inventário da fome nas cinco áreas por ele definidas no território brasileiro. Com isso, como um dos fundadores dos estudos geográficos voltados fundamentalmente à realidade social e espacial do Brasil, Castro contribuiu, com base nos estudos regionais, para a superação de uma das críticas mais comuns referentes à própria ciência geográfica, vista como uma ciência abrangente demais, sem análises profundas sobre os fenômenos estudados.

“Desta nova tendência dos estudos geográficos originou-se um fecundo renascimento da Geografia Regional, do estudo minucioso e aprofundado de todos os fenômenos e fatos que se processam dentro de uma determinada zona” (Castro, 1957c, p. 201).

Segundo Moraes, o pensamento vidalino se assenta na idéia de que a natureza apresenta um campo de possibilidades para a atividade humana, sendo o homem um hóspede que constrói sua relação com a natureza nos mais diversos meios existentes na superfície da Terra, sendo esta relação mediada pelos gêneros de vida (Moraes, 1992). A essa relação de possibilidades foi dado o nome de Possibilismo por Lucien Febvre³. Sendo assim é possível compreender a relação dos estudos regionais com o possibilismo, ao passo que o estudo dos quadros regionais daria uma noção da diferenciação dos meios naturais e dos gêneros de vida existentes nos mais diversos locais do mundo, já que naquele momento histórico a mundialização da sociedade e do imperialismo não se mostravam tão acentuados quanto hoje. Da idéia de diferenciação regional surgiram muitas especializações da ciência geográfica para estudos específicos de certos quadros regionais e suas relações como Geografia Econômica, Geografia Urbana, Geografia Agrária, etc.

Dentro da lógica dos estudos regionais Castro procedeu os estudos da Geografia e da Geopolítica da Fome, bem como seu ensaio sobre a cidade do Recife. Em *Geografia da Fome* o autor divide o Brasil em cinco áreas, baseado

³ Historiador francês que estabeleceu conceitualmente a diferença entre determinismo e possibilismo (Moraes, 1992).

na pertinência das características comuns a cada área em relação à questão alimentar, levando em consideração fatores naturais, históricos, sociais e econômicos, por meio de uma análise dos gêneros de vida.

“As variadas categorias de recursos naturais e a predominância cultural de determinados grupos que entraram na formação de nossa etnia nas diferentes zonas, tinham que condicionar forçosamente uma diferenciação regional dos tipos de dietas” (Castro, 1957a, p. 42).

O autor utiliza a expressão área para designar cada divisão da regionalização da fome no Brasil, possivelmente por uma carência conceitual dos próprios geógrafos da época. No Mapa das Áreas Alimentares do Brasil, encontra-se as áreas Amazônica e do Nordeste Açucareiro como regiões de fome endêmica⁴, seguida da área do Sertão Nordestino como região de fome epidêmica, sendo as áreas Centro Oeste e Extremo Sul como regiões de sub-nutrição. A partir desta divisão, Castro passa para a descrição e análise de cada uma das áreas, buscando em ciências como história, economia, biologia, geologia e antropologia elementos para subsidiarem as discussões em torno do problema da fome, configurando uma visão totalizadora do fenômeno dentro de suas realidades regionais.

Em *Geopolítica da Fome*, o problema é analisado a partir de quatro macrorregiões, sendo elas o Novo Mundo, referente à América; a Velha Ásia; o Continente Negro, sobre a África; e a Europa Faminta. A fome aqui é também é analisada de forma multifacetária, devidamente identificada com as disparidades regionais. Nesta obra Castro aborda a fome como um tabu na sociedade entre guerras e pós II Guerra, além de tratar das carências específicas de certos alimentos e sua expressão no indivíduo, bem como questões referentes ao colonialismo e imperialismo econômico. Portanto, bem como explicado pelo próprio autor, a geopolítica como disciplina científica busca correlacionar os fatores geográficos com fenômenos políticos

⁴ “Consideramos áreas de fome aquelas em que, pelo menos a metade da população apresenta nítidas manifestações carências no seu estado de nutrição, sejam estas manifestações permanentes (áreas de fome endêmica), sejam transitórias (áreas de epidemia de fome)” (Castro, 1957a, p. 43).

”a fim de demonstrar que as diretrizes políticas não tem sentido fora dos quadros geográficos, isto é, destacados da realidade e das contingências do meio natural e do meio cultural” (Castro, 1957b, p. 27).

Outra figura da geografia relevante para a obra de Josué de Castro foi Maximilien Sorre (1880-1962), representante direto da Escola Possibilista Francesa e seguidor de Vidal La Blache. Sorre contribuiu para a ciência geográfica, a partir da análise e compreensão da interconexão entre os aspectos físicos, biológicos e humanos como objeto central dos estudos geográficos. A ecologia, como aporte metodológico para a geografia, foi fundamental em suas explicações sobre os gêneros de vida e ecúmene⁵, conceitos fundamentais de sua obra, bem como seus desdobramentos: a geografia da circulação, climatologia, meio rural e meio urbano, habitat, geografia médica e geografia política, entre outros temas abordados. Por sua proximidade com a sociologia, Sorre percebeu que a geografia não podia mais negar a importância das relações sociais entre indivíduos e grupos como uma força potencial, modeladora do espaço.

“Foram levados a preocupar-se [os geógrafos] com as estruturas sociais, na medida em que estas surgiram como características do complexo local e também na medida em que pareciam determinar outras formas de atividades” (Sorre, 1984, p. 89).

Neste sentido, Sorre empenhou-se nos estudos das relações do homem com o meio físico e do homem com sua própria criação, os espaços modelados através do desenvolvimento das técnicas que mediam essas relações. E nesse intuito surgiram conceitos como o de complexo patogênico, que deram destaque à sua obra dentro da Geografia Médica, voltados para o estudo das funções biológicas dos indivíduos, com base nas diferenças regionais, relacionando questões referentes às doenças, seus transmissores, alimentação, enfim, àquilo que diz respeito à saúde e ao bem estar dos indivíduos dentro de suas realidades sócio-espaciais (Megale, 1984).

⁵ “Toda essa vastíssima extensão da superfície terrestre aproveitada para moradia do homem constitui o que geograficamente se chama de *ecúmene*. *Ecúmene* é, portanto, a porção de *terra e água* que o homem habita” (Castro, 1957c, p. 29).

E nessa concepção de geografia médica, aliada à ecologia geográfica, que Castro inseriu seus estudos sobre a fome e a alimentação, no Brasil e no mundo, contribuindo para o surgimento da geografia brasileira. A noção de ecologia, segundo Sorre (1984), que transcende a análise corográfica para uma compreensão das relações complexas entre os elementos espaciais, aparece nas mais diversas obras de Castro que, ao afirmar que buscava as explicações para seus temas na “mais moderna ciência geográfica”, elucidava a influência do possibilismo francês em sua obra e a necessidade, por meio do método geográfico, de estudar os problemas referentes ao povo brasileiro a partir de sua realidade imediata. Segundo Moraes (1992), o método da Ecologia Humana proposto por Sorre era baseado na Cartografia, partindo de uma investigação histórica de cada elemento físico ou humano (solo, vegetação, costumes, alimentação, população, etc) de uma determinada porção do espaço (região), seguindo para uma sobreposição dessas informações a fim de configurar um quadro da situação atual para então compreender seu funcionamento e as inter-relações presentes entre os elementos.

Castro, analisando a alimentação na Área Amazônica, explica a relação do clima, da produção de alimentos e dos processos metabólicos do indivíduos. O autor, ao falar sobre a presença do cálcio na alimentação dessas populações, percebe dois fatores que influenciam diretamente no baixo consumo desse mineral na região norte do país. O clima quente e superúmido, de chuvas abundantes, causa periodicamente cheias que provocam altos índices de lixiviação do solo, lavagem dos minerais presentes nele, entre eles o cálcio, reduzindo sua fertilidade. Outro fator analisado foi a presença da floresta altamente densificada que, associada ao clima chuvoso e com poucas áreas de campo, dificulta a produção de pastagens e, conseqüentemente, a produção de gado leiteiro, reduzindo de modo geral o leite e derivados consumidos pela população local, alimentos com níveis importantes de cálcio. Mesmo com baixo consumo desse mineral, os índices de raquitismo são baixos por conta da insolação abundante, fornecedora de vitamina D, porém os casos de cáries são constantes (Castro, 1957a). A explicação, que considera a influência de fatores diversos a partir de um tema central, no caso o consumo de cálcio, apresenta

claramente a utilização da ecologia como método e base analítica, abordando questões físicas sobre o espaço, biológicas sobre os indivíduos e econômicas em relação aos limites produtivos de certas substâncias alimentares.

O prefácio à edição francesa da obra *Geopolítica da Fome*, escrito por Sorre, foi solicitado por Castro. O reconhecimento da importância deste trabalho para a geografia internacional e para o debate sobre uma questão tão grave relativa à saúde das mais diversas populações da Terra se faz presente em todo o texto. Além do peso político que obra projetou, num momento histórico que acabava de passar pela guerra mundial, em que explodiam revoluções populares e movimentos de independência, e novas tecnologias anunciavam outra perspectiva de futuro para a humanidade. Segundo Sorre,

“O livro de Josué de Castro é um extenso requisitório, apaixonante e apaixonado, contra essas doutrinas que diminuem a humanidade. Ele culpa os erros dos homens, o espírito de ganância, a imprevidência, como responsáveis por todo o mal. Constitui, ainda, esse livro um libelo contra os malefícios do imperialismo e do colonialismo” (Castro, 1957b).

A concepção sobre economia mundial presente na obra de Castro, pautada na visão de uma exploração imperialista e colonial dos países ricos sobre os pobres, expressa a necessidade do autor de fazer da ciência geográfica e do seu conteúdo uma forma de denúncia das desigualdades e injustiças sociais presentes em qualquer parte do mundo. Embora não tomasse posicionamentos ideológicos⁶ abertos em seus escritos, na pretensão de se trabalhar dentro da neutralidade científica, captar as contradições presentes nas mais diversas configurações espaciais tornou-se parte do método utilizado por Castro, a exemplo da análise sobre a economia açucareira no nordeste brasileiro. Às vezes o tom ácido de seus discursos, de clara revolta sobre a realidade devastadora que se abria a seus olhos, mostra as consequências sócio-espaciais que a adequação histórica da região ao modelo agroexportador causou. A derrubada das florestas e a monocultura reduziram a disponibilidade e a produção de outros gêneros alimentícios, promovendo um estado de fome endêmica nas populações.

⁶ “nós encararemos a realidade da fome sem preconceitos políticos, sem uma idéia preconcebida de qual será a ideologia política apta a resolver o problema.” (Castro, 1957b, p.78)

“mais destrutiva do que esta ação direta da cana sobre o solo é sua ação indireta, através do sistema de exploração da terra que a economia açucareira impõe: exploração monocultora e latifundiária” (Castro, 1957a, p. 102).

“quando a monocultura da cana-de-açúcar iniciou seu crescimento canceroso, envenenando toda a riqueza da terra, gangrenando toda a sua economia com as toxinas do seu exagerado mercantilismo” (Castro, 1957a, p. 154).

Para Moraes (1992), mesmo mantendo a proposta metodológica dos estudos regionais, o livro *Geografia da Fome*, ao lado da obra *Geografia do Subdesenvolvimento*, de Yves Lacoste, já traziam um avanço em relação aos temas da geografia no momento em que pretendiam tornar a ciência geográfica “um instrumento de ação política”, abrindo os caminhos para a “perspectiva de engajamento social, de atuação crítica” (Moraes, 1992, p. 119). Não é à toa que hoje o pensamento castrino serve de referência tanto no meio acadêmico, para intelectuais preocupados com questões alimentares, da pobreza e da miséria, como para movimentos camponeses organizados em nome da luta pela terra, pela reforma agrária e pela supressão das desigualdades sociais inerentes ao próprio sistema econômico. Inclusive, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), junto com a Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB) fundaram, em 1997, o Instituto de Educação Josué de Castro, centro de estudos técnicos e de capacitação para a reforma agrária.

A atuação política de Castro se processou dentro de diversos órgãos, instituições e entidades que trabalhavam com questões da fome, agricultura e alimentação. Além de sua participação intensa dentro da ONU como presidente de comissões, organizações, comitês e embaixador, ele idealizou e dirigiu diversos institutos de pesquisa e associações, entre elas a Associação Mundial de Luta Contra a Fome (Ascofam), criada em 1957 na cidade de Paris. Também foi deputado federal pelo estado de Pernambuco entre 1956 e 1962. A longa trajetória de denúncias da realidade social e econômica do Brasil e do mundo, partindo de uma idéia de ciência desenvolvida por meio de sua função social e chegando à grandes entidades que naquele momento deram voz à discussão desses temas foi uma marca do legado de Castro para a ciência e para a política. Tanto que, por conta de seu pensamento de cunho

progressista, teve seus diretos políticos caçados pelo regime militar que se estabeleceu no Brasil pelo golpe de Estado de 1964. Estava na primeira lista de exilados brasileiros e passou a morar em Paris até sua morte em 1973.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a importância do pensamento de Josué de Castro para geografia brasileira, visto que o autor participou muito próximo da eclosão da geografia institucionalizada, além de configurar como precursor da geografia crítica no país. A relevância dada por ele ao problema da fome, desde escalas locais até uma análise mundial, mostrou que a pobreza é resultado da forma com que as grandes potências econômicas se relacionaram e se relacionam, historicamente, com os países subjugados aos seus sistemas de dominação. Temas como colonialismo, imperialismo e armamentismo são tratados por Castro como sendo a base de um sistema econômico desigual, e diretamente relacionados com os problemas de carência alimentar e pobreza de diversas populações mundo afora.

Sua proximidade com a Escola Francesa do Possibilismo permitiu à Castro o conhecimento teórico e metodológico sobre a ciência geográfica, porém seus estudos partiram da realidade social e econômica do seu país de origem. O traçado sombrio da fome apresentado mostra que não haverá paz no mundo enquanto a indústria da guerra prevalecer sobre o bem-estar dos povos, com desenvolvimento sócio-econômico que permita a reprodução da vida em todas suas necessidades. Segundo ele,

“a própria fome será o condutor e a mola fundamental de uma revolução social adequada para afastar progressivamente o mundo da beira desse abismo que ameaça devorar a civilização, com avidez bem maior do que os oceanos ameaçam engolir nossos solos” (Castro, 1957b, p.74).

Para a Geografia, a maior contribuição de Castro foi o aperfeiçoamento do método de estudos regionais, no momento em que ele abriu caminho para o aparecimento de uma geografia voltada para a discussão dos problemas reais da sociedade, com fundamentos de prática política. Foi também em relação ao

vasto conteúdo deixado em seus estudos sobre a fome, que permite aprofundar debates de diversas ciências utilizadas como base para os estudos geográficos. Este trabalho vem apresentar uma pequena contribuição para a história da ciência geográfica brasileira, estando longe de ter sua temática esgotada.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de; Outros. Josué de Castro e o Brasil. Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2003.

CASTRO, Josué de. Geografia da Fome. 5ª edição. Editora Brasiliense. São Paulo, 1957a.

CASTRO, Josué de. Geopolítica da Fome. 2 vol. 4ª edição. Editora Brasiliense. São Paulo, 1957b.

CASTRO, Josué de. Ensaaios de Geografia Humana. Editoria Brasiliense. São Paulo, 1957c.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural. 3ª edição. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

GOMES, Paulo César da Costa. Geografia e modernidade. 5ª edição. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2005.

MACHADO, Monica S. A implantação da geografia universitária no Rio de Janeiro. Revista GEOgraphia. Universidade Federal Fluminense. Ano II, nº 3, 2000. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/download/33/31>. Acesso: 14/02/2011.

MEGALE, Januário Francisco (Org. e Trad.) Max. Sorre: Coleção Grandes Cientistas Sociais. Editora Ática. São Paulo, 1984.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências. Universidade de São Paulo. Instituto de Geografia. São Paulo, 1980.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia: pequena história crítica. 11ª edição. Editora Hucitec. São Paulo, 1992.

SORRE, Maximilien. Fundamentos da Geografia Humana. Em: MEGALE, Januário Francisco (Org. e Trad.) Max. Sorre: Coleção Grandes Cientistas Sociais. Editora Ática. São Paulo, 1984. (p. 87-98).